

Peyrefitte não convence em debate sobre o liberalismo

São Paulo — Ariovaldo dos Santos

São Paulo — A forma como o Fundo Monetário Internacional (FMI) relaciona os programas de ajustes dos países em desenvolvimento ao problema da dívida externa é feita de maneira muito drástica, afetando suas economias. Por isso, se o Brasil tiver que passar pelo monitoramento do FMI, o ajuste deverá ser efetuado em outras condições, de tal forma que não implique imposições a um programa que promova a manutenção do crescimento, aliado à capacidade de o país gerar novos empregos, afastando o perigo de recessão.

A análise é do deputado e ex-ministro da França nos governos do general Charles de Gaulle e de Valéry Giscard d'Estaing, Alain Peyrefitte, depois de palestra na Federação do Comércio sobre o tema

"Liberalismo e consciência social". Peyrefitte acrescentou que, desde o início deste ano, o Clube de Paris, que reúne os governos dos dez principais países credores, vem se preocupando em promover avanços no sentido de se ordenar a dívida pública dos países em desenvolvimento. Ele acredita que a mesma orientação pode ocorrer nos casos das dívidas com os bancos privados. Ontem, Peyrefitte almoçou na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, trocando idéias com vários empresários. Hoje, ele estará em Brasília, onde será recebido em audiência pelo presidente José Sarney.

Polêmica

A palestra de Peyrefitte lotou o auditório da Federação do Comércio, com 170 lugares, e os que estiveram lá saíram satisfeitos com a polêmica criada a partir das contestações às teses do ex-ministro sobre o tema "Liberalismo e consciência social", formuladas pelos debatedores, os jornalistas Fernando



Alain Peyrefitte tinha poucas informações sobre o Brasil

Pedreira, redator-chefe do JORNAL DO BRASIL, e Cláudio Abramo, comentarista da Folha de S. Paulo. O debate só não "esquentou" mais, porque os debatedores preferiram ceder o restante do seu tempo para o público fazer algumas perguntas a Peyrefitte.

Peyrefitte fez uma veemente defesa do liberalismo, dando como exemplos mais evidentes de seu avanço o que ocorre em dois países socialistas, Hungria e China. Segundo ele, a Hungria encorajou uma segunda economia, mesmo mantendo a fidelidade ideológica à União Soviética, e conta com 20 mil empresas privadas em razão dessa mudança de posição econômica. A China, na análise de Peyrefitte, está passando por uma grande transformação, em que a tese do coletivismo perde terreno para a iniciativa individual, que prevê o aperfeiçoamento do mercado livre em todas as áreas. Lembrou também o caso mais recente da União Soviética, em que fica a dúvida se o esforço do secretário-geral

do Partido Comunista, Mikhail Gorbachev, para liberalizar a economia "é um fato prático ou é apenas uma estratégia de abertura política".

Ao falar sobre o Brasil dentro desse contexto, Peyrefitte reconheceu que pouco sabia do país e por isso indagava se os empresários e os trabalhadores têm consciência do que significa o liberalismo como agente processador de mudanças. Mas deu um recado para os empresários: "O liberalismo tem que tratar do problema social e o empresário precisa não se preocupar não apenas com o lucro, mas em exergar o problema mais longe. Sem consciência social, o liberalismo não tem futuro".

Tanto Pedreira como Abramo ficaram em campo oposto à forma como Peyrefitte colocou a questão do liberalismo. Pedreira ironizou a crença de que é possível haver um liberalismo esclarecido no Brasil. "Nesse país, essa tese só pode cair no vazio", disse. Para ele, o melhor mesmo é confiar na realidade das instituições que o socialismo da Europa Ocidental criou para corrigir os excessos do liberalismo, sem chegar a extremos como no Brasil, onde o crescimento exacerbado do Estado gerou, segundo ele, "um monstro". Lembrou ainda que a social-democracia de países como a França foi implantada para corrigir os excessos gerados pelo capitalismo.

Abramo também ironizou o fato de Peyrefitte reconhecer que tinha poucas informações sobre o Brasil. "A partir daí, fica difícil se fazer um debate sério", observou. Depois, fez várias críticas à forma como Peyrefitte analisou o problema, lembrando, por exemplo, que o político francês não se preocupou em fazer uma análise científica dos fatos, deixando de falar sobre questões como mortalidade infantil, assistência sanitária e formação profissional, que são temas preocupantes nos países em desenvolvimento, e fazendo confusões, ao falar em liberalismo da União Soviética, quando o correto é se dizer que Gorbachev vem adotando uma política da eficácia.